

Ao director da colonia D. Francisca—Devolvendo as ferias da estrada da colonia ao Paraná; dos mezes de dezembro e janeiro ultimo, a fim de ordenar ao encarregado da escripturação a organização da outras limpas e exactas; e lembra a remessa da feria perlocente ao mez de abril, que deixou de remetter com o seo officio de 7 do corrente, com as contas, que o acompanhavam.

BIOGRAPHIA.

DO EXM. SR. GENERAL

JERONIMO FRANCISCO COELHO.

(Continuação do n. 1.º)

A nova camara dos deputados, reunida em 1845, pre-lava o seu apoio unânime ao gabinete do 2 de Fevereiro, exceptuando tres deputados, que se declararam em opposição, talentos e habéis oradores, a quem nes e tempo se denominou — Patrulha.

O partido liberal, rehabilitado e chamado as posições, movido principalmente pelo sentimento de gratidão, dava pleno apoio ao gabinete, mas nelle se presentia uma certa soffreguidão e impaciencia pela adopção de medidas no sentido da politica do progresso, e em antagonismo com as medidas fortes, que tinham sido convertidas em lei pela politica anterior.

Fra como reacção natural, que o governo prudentemente se esforçava moderar, obtendo-se do partido liberal e precipitadamente no sentido, que seus amigos desejavam, pelo que era por elles accusado de inercia. Foi por isso que o Sr. Coelho, a vista desses meios de soffreguidão da parte dos amigos do gabinete, em uma das sessões de Maio de 1845 proferiu esse notavel discurso, no qual proclamou a inercia como systema politico em certos casos e em dadas circumstancias, e considerando-a tanto no sentido physico como moral, uma força capaz de resistencia, e muitas vezes a unica propria, salutar e benefica para impedir movimentos desordenados.

Este discurso lhe alienou as sympathias de alguns de seus amigos polticos; posteriormente, tendo-se opposto e fazendo cahir em o seu voto, e o do seu collega dos estrangeiros, Ernesto Ferreira Franca, a medida proposta sobre a incompatibilidade das magistrados com as funções do deputado, além d'isto nesta parte divergente da opinião dos outros seus quatro collegas, teve de retirar-se do ministerio a 26 de Maio de 1855.

Entre os serviços mais notaveis prestados no paiz neste seu primario ministerio deve contar-se a parte directa e activa com que planejou e concorreu para a pacificação da provincia do Rio Grande do Sul.

Em perfeita intelligencia e accordo com o então presidente e commandante em chefe do exercito naquella provincia, o general Marquez de Caxias, seu amigo de juventude e seu contemporaneo na academia, tudo entre elles se predispoz e combinou com tanto acerto, que a paz veio a effectuar-se pelos meios da convicção espontanea e sincera, fazendo com que os rebeldes confiassem na clemencia imperial e na fé do governo.

Para esse fim veio particularmente á corte em commissão por parte dos rebeldes o (entre elles) tenente coronel Antonio Vicente da Fontoura, acompanhado pelo coronel Manoel Marques de Souza (hoje Barão de Porto-Ale-

gre). Foi o Sr. Coelho quem fez com o commissario Fontoura e coronel Marquez todos os ajustes e combinações precisas para se realizar a tão desejada pacificação, que até então milhares de contos de pendulos e milhares de vidas preciosas sacrificadas não tinham podido conseguir.

No seu gabinete e com seu punho foi elle quem redigiu as instruções de 18 de dezembro de 1844 que foram levar a pacificação material e moral a infeliz e magoanada provincia do Rio Grande do Sul, ha nove annos trucidada pelos horrores da guerra civil.

Quando algum dia essas instruções chegaram a ser publicadas, se reconheceu, que a paz desta provincia foi obtida pelos meios os mais honrosos, com brilho e magnanimidade da corôa, e sem ao mesmo tempo humilhar os brios daquelles nossos valentes irmãos illudidos, que deparavam as armas, e voltando á communhão na iugal, vinham abrigar-se sob o manto da clemencia imperial.

Quando na camara dos deputados a opposição pouco generosa, e certa de que o melindre das circumstancias não permitia ao governo fazer re-elacões, arguia o gabinete de ter mareado o brilho da corôa, o Sr. Coelho respondia com sua voz expressiva: «Senhores, esta unida toda a grande familia brasileira, o Imperio está em paz; e damos graças a Deus.»

Em objectos de serviço distinguio-se sempre por sua grande actividade; entre outros factos ha o seguinte de notoriedade publica. O partido da ordem no provincia das Alagoas incurreu na mesma falta, que arguia, a seus adversarios publicos, pois quando em opposição, deserdando dos meios legais, revoltou-se e recorreu ta-bea aos meios ilegales, e pinchando as armas e atacando ao seu palacio o delegado do governo Sr. Souza Franco; e os revoltosos nessa occasião não de-denharam chamar em seu auxilio o famoso bandido e saltador das matas de Jacuipá Vicente de Paula.

O presidente da provincia, sem força para resistir a revolta, que com tanta furia rebentara de improviso, havia solicitado auxilio aos presidentes do Pernambuco e da Bahia. Todas estas noticias chegarão á corte trazidas pelo vapor *Imperador*, que entrou neste porto a 17 de Outubro de 1844; o incansavel ministro da guerra de 2 de Fevereiro deu logo todas as providencias, e com tal rapidez, que no dia seguinte, 18, havendo apenas decorrido 24 horas, o mesmo vapor sahia pela barra fóra com uma força de linha de 400 praças completamente armada e municida, sob o commando do valente general Seára, e a 24 do mesmo mez saltava a força nas Alagoas, e no dia seguinte era reinstallado em seu palacio o presidente, que desde o dia 21 se achava com as principaes autoridades a bordo do hiate *Cacador*; a 31 de Outubro dava-se o sanguinolento combate da Aladaya, e logo em seguida outros, em que as forças legais levarão sempre de vencida os revoltosos. A presteza dos auxilios enviados da corte pelo ministro, e á concurrencia dos socorros das provincias da Bahia e Pernambuco deve-se o ter sido suplantada em começo uma revolta, que, com o auxilio e intervenção dos bandidos das matas, ameçava tomar grandes proporções, e produzir males incalculaveis.

Enquanto ministro, não se descuidava da parte paramente administrativo. Deu á Escola Militar os estatutos da 1.ª de Março de 1845, fazendo cessar a confusão de doutrinas, que resultava de uma interminavel successão de reformas e bre reformas; restaurou o Hospital Militar da corte, em beneficio da vida dos soldados, que mal tratados nos insalubres e mal providos hospitaes regimentaes, succumbião á mingua em um vero extraordinario; fundou o ob-

servatorio astronomico do Castello, cuja erecção, decretada por lei ha muitos annos, tinha ficado em letra morta, e nunca se cuidara na sua execução.

Deixando de ter assento na camara dos deputados no anno de 1848, foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia do Pará, tomando posse destes cargos a 8 de Maio do mesmo anno.

Nesta presidencia ainda mais firmou o seu credito de administrador intelligente, recto, justo e imparcial: desenvolveu sua habitual actividade dando impulso a diferentes obras publicas da provincia, apesar dos minguados recursos das rendas provinciales, tendo encontrado os cofres esgotados e a provincia com uma dívida superior a 70 000\$.

Durante a sua administração no Pará, em principios de 1850, tentaram os Francezes uma segunda occupação do Amapá, sendo governador de Cayena Mr. Pariset, que mandara stationar algumas giletas e brigues de guerra em frente á embocadura do mesmo Amapá. O Sr. Coelho, por seu turno, mandou preparar todos os navios de guerra da estação do Pará, e expedio para Cayena o brigue de guerra *Nictroy* com officios áquelle governador, fazendo energica reclamação contra a tentativa de nova occupação; travou-se então de parte a parte, por meio de notas diplomaticas, uma reunida e luminosa discussão, que foi toda publicada no relatório de estrangeiros de 1852, sobre a questão de limites do Oyapok, e sobre a verdadeira intelligencia dos tratados, cujo resultado foi fazer calar no animo do governador de Cayena a convicção da injustiça de sua pretensão; retiraram-se os navios francezes, não indo portanto avante a projectada occupação.

Procurando-se emprehender esta sua administração na provincia do Pará, e conhecer-se a norma de principios que o dirigião, basta copiar textualmente um trecho do seu relatório de entrega ao vice-presidente o Dr. Anjo Custodio Corrêa, em que, entre outras regras que o guiaram no seu governo, pôde dizer-lhe o seguinte:

« Não partilhei com ninguém o exercicio de « minha autoridade: governei só, acertei e errei « só. Nunca admitti confidencias particulares sobre objectos de negocios publicos, e nenhum « acto de minha administração foi por algum « annuncio de vespera na praça publica.

« Esforçando-me por imprimir em todos os « meus actos um certo cunho de imparcialidade « e justiça, conseguí nullificar a appareição de partidos, e ter uma presidencia tranquilla, etc.»

Entregando as redeas da administração do Pará no 1.º de Agosto de 1850, tendo conquistado as sympathias dos Paraenses, recollheu-se a corte em Novembro deste mesmo anno, e então retirou-se completamente da vida politica e administrativa, empregando-se por seis annos em diferentes cargos paramente militares, tres como o de director da fabrica da polvora, que exerceu até o mez de Junho de 1854; de director do arsenal de guerra da corte, até Setembro de 1855; director da Escola de Applicação do Exercito, até Março de 1856, em que foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

A excepção cargos de presidente e com mandante das armas das provincias do Pará e Rio Grande do Sul, nunca quis accumular mais de um vencimento, ou gratificação por empregos diversos.

Quando foi nomeado director do Arsenal de Guerra da corte, a que estava annexa a direcção das obras militares, fez separar e de ultimo cargo, que desde então até hoje tem director especial, dizendo que no serviço do arsenal tinha de sobra com que occupar-se, e que não queria ser

director h norario ou nominal daquellas obras sómente para receber as gratificações, que importavão em 1:600\$ por anno; nisto deu ao mesmo tempo prova de desinteresse e zelo pelo bem do serviço.

De maneiras affaveis no seu trato ordinario, e ao mesmo tempo energico nas occasiões precisas, n's empregos superiores, q e ha exercido, tem sabido fazer-se respeitar e obedecer, captando ao mesmo tempo a cordial estima de seus subordinados; é assim, quando embarcou para o Rio Grande do Sul, despedindo-se delle os alumnos da escola de applicação reunidos em corpo, com seu novo director e mais officia's e empregados daquela colla, um dos alumnos, em nome de todos os seus collegas, leu um discurso por elle assignado, em além de muitas expressões lisongueiras, tratando de retratar o seu caracter, exprimã nas seguintes palavras:

« O que nos pecha individualmente, e o que nos constitue grandes sobre tudo, são essas qualidades pessoais, que vos distinguem, são essa candura e intelligencia, que unia e separava a *in continentia* o director e alumno, que distinguia o mestre d'entre que trabalhavão juntos, e que obsequiava ordenando, etc. »

(Continúa.)

Historia de Rutilio.

« Chamo-me Rutilio: era mestre de dança em Florença, e desfrutava toda a reputação, que podia desejar. Eu bem podera ahí viver como o mais feliz dos homens, porém fui recolhido para mestre da bella florentina... en a roubei... bem depressa fui preso, conduzi-lo ante os tribunaes, como raptor, e condemnando a ser enforcado dentro em 24 horas. Logo que a minha sentença foi pronunciada, leváram-me para uma prisão, onde se achavão outros desgraçados, como eu, que devião morrer no dia seguinte. Entre outros notei uma mulher, que parecia ter sido bella n'outro tempo, porém então ja meia velha, a qual denunciada e convencida de feiticaria, acabava de ser condemnada ao fogo. Durante o meu processo tive varias occasiões de a ver na sala do carcereiro, onde era bem recebida, porque havia prometido curar uma filha deste, que se achava mortalmente enferma, mediante certas palavras pronunciadas sobre certaservas. Esta mulher dava ares de se interessar por mim, e muitas vezes, em tom de brinco, me tinha repetido, que, em quanto não fosse queimada, eu não seria enforcado. Eu não sei, nem posso conceber o que é que ella fez, porém na noite do dia da minha condemnação, d'esse dia terrivel, que hia ser seguido do meu ultimo dia, entrou na minha prisão, onde me achava preso pelos pés e mãos a duas grandes argolas, de ferro encaçadas na parede. Logo que entrou reconheci-a pela voz: « Não te espantes, disse-me ella, eu venho consolar-te... salvarte, como t'o prometti, acrescentou ella, pondo a mão sobre o meu coração, se de tua parte, me promettes amar-me casar comigo, e ser-me fiel. Eis aqui as minhas condições: se recusas, deixo-te; e amanhã serás enforcado; refliete no que te convem, e não demores a resposta. O que não prometteria eu na crise, em

que me achava? Sem hesitar, sem fazer a menor reflexão; com toda a sinseridade do meu coração, respondi-lhe, que dispuzes-se de mim, que em quanto vivesse, no caso de me salvar, eu seria tudo o que de mim quizesse. — Neste caso, respondeu ella, eu me retiro: tranquillisate; não te espantes; e deixa o mais por minha conta. A meia noite teus ferros serão despedaçados, e tu ficarás depois em lugar seguro, ao qual teus intuitos a pesar de innumerados, poderosos, e encarniçados contra ti não poderão chegar. — Eu o confesso, esta creatura infernal, esta feiticaria, que em qualquer outro tempo eu não teria ouvido fallar sem arripamentos de cabellos, me pareceu nesse momento um anjo enviado do Céu para me salvar milagrosamente, e eu levava a tal ponto o desvario, que cheguei a agradecer a Deos por tanta graça! Mas a este instante de consolação succederão as horas as mais cruéis de minha desgraçada vida, essas horas tão terriveis e tão longas, que devia passar; esperando a volta incerta da minha protectora. Atormentado por uma especie de esperanza, que minha razão era obrigada a repellir, e pela approximação imminente do meu supplicio cahi em agonias, cuja reminiscencia me faz ainda tremor... Um silencio sinistro e profundo, como a sinistra e profunda obscuridade, que me rodeava, reinava por toda a parte ao redor de mim, quando em fim o movimento da minha porta, que se abria sem sem estrepito, e a voz da minha libertadora me fizeram estremecer. — Sou eu, meu amigo, me disse ella, coragem! e sobre tudo compança! pega na ponta desta varinha que te apresento, não a largues, e segue-me! — Porém eu tenho as mãos atadas uma á outra? respondi-lhe. — Pega já, t'o disse! replicou-me ella. — O' surpresa! ó prodigio! no primeiro esforço, que fiz para estender a mão, e pegar na ponta da varinha, cahião-me aos pés as algemas em mil pedaços, como se fossem de fragil vidro! — Segue-me, e sobre tudo não largues a ponta da varinha! (disse ella), senão ficamos ambos perdidos! — Porém eu estou amarrado á parede, lhe disse, e tenho ferro aos pés!.. — Deixa lá os teus porém, me replicou ella, marcha avante, e com audacia! — Nova surpresa, e ainda mais lisongeira! Logo ao primeiro passo, que dei, os ferros que me prendião á parede se quebrarão com a mesma facilidade que as algemas, e os que tinha aos pés, a penas senti resistir-me!... Em fim totalmente livre das cadêes, nada me impedia seguir a varinha, á qual me achava agarrada com ambas as mãos com medo de alargar. Minha conductora abriu todas as portas sem a menor difficuldade, e estrepito. Os guardas, carcereiros, os presos que se achavão pelo nosso caminho, jazião sepultados no mais profundo somno, de modo que nenhum despertou em poucos instantes nos achámos fóra da prisão, no meio da rua, e pouco depois na grande praça, onde a minha benefitora me fez sentar sobre um banco, e ao seu lado. Então puz-me a considerar, que era o inferno, e não o Céu, a quem eu devia esse prodigio, que se acabava de operar em meu favor, e que minha libertadora, fei-

ceira convencida, não podia ser senão um emissario do Diabo. Pensando nisto um horroroso frio correu-me da cabeça aos pés: a força não me pareceu então se não uma uinharia em comparação da minha condemnação eterna, e recorri ao sinal da cruz, que repeti por mais de dez!! — Para, me disse minha conductora, tu ainda não estás salvo... se não tens toda a confiança em mim. Deixa lá os teus oremos, que não impedirão, que tu fosses enforcado amanhã: be be uma gota de licor confortativo (continuuou ella, dando-me um vidrinho, que virei de um só góle), e repito-te, coragem! dei xame fazer o que é preciso, sé fiel as tuas promessas. Não te inquietes (prosequiu ella, desmolando um grande sacco), eu vou te esconder dentro, e fazer-te viajar; h e absolutamente preciso, e quanto antes: porém descausa, que eu terei cuidado na tua subsistencia, bem como na tua segurança, até que tu nada tenhas a recear. Esta prohibição formal de recorrer a Deos, essa viagem dentro d'um sacco, todas as circunstancias da minha situação, me terião infallivelmente feito morrer de terror, e de certo havia com que dar cabo do mais intrepido, se no mesmo instante um profundo somno não viesse tirar-me a fucidade de pensar, e reflectir: eu não tenho, nem live a minima neção da virgem que fiz dentro do sacco: só me lembro, que despertei em consequencia de um movimento violento, que se fez com o sacco, e tão extraordinario que jamais me esquecerei dessa circumstancia. Abrindo os olhos, vi que era noite, que estava estendido sobre a relva, debaixo de um céu brilhante de estrellas, á borda do mar, e ouvi a voz da minha libertadora, a qual me fallava de muito perto, mas não ouvia senão o som da sua voz, e não podia perceber o que me dizia. Logo depois me senti aperlar entre seus braços, chegar seus ardentes labios aos meus, e dar um suspiro, da mais amorosa expressão... Um movimento de nójo, que não fui senhor de reprimir, me induzio machinalmente a empurrar-la com meus dois braços... oh qual não seria o meu horror! como se não arripriariaõ os meus cabellos, quando, apalpando e vendo, quanto me permitia a obscuridade da noite, reconheci, e entrei, que essa cabeça, que se unia á minha com intenções tão carinhosas não era mais do que uma enorme, e horrivel cabeça de lobo!! um punhal curto, e largo pendia do seu pescoço... D'esta vez, não ha duvida, foi o céu, que me inspirou. Em menos espaço, do que eu digo, lancei mão do punhal, e o cravei na garganta do monstro, que, cahindo logo por terra, tomou a figura humana... reconheci então distintamente a minha feiticaria, a qual expirava, banhada em sangue. Cheio de medo e horror, peguei-lhe pelos cabellos, e arrastando, a lancei ao mar...

Depois deste acto de furor, só, sem saber onde se achava, Rutilio acreditou logo ver todos os Diabos perseguindo-o para vingar a morte da feiticaria... De outra parte pensava ver levantar-se da terra essa força terrivel, de que julgava já não se achar livre, pois que tinha assassinado aquella, que o livrara: um instincto machinal o induzio a fu-

gir, e depois de ter muito corrido sem saber onde hia, determinou esperar o romper do dia: porém não amanhecia, e começou a molesta-lo e fome. Acreditava Rutilio ser possessor do Diabo por toda a vida, e reduzido por nigromancia a nunca mais ver a luz do dia; quando ouviu vozes humanas, e os passos de gente, que se approximava conversando. Elle se chegou, e por um feliz acaso deparou com um Italiano, que, ouvido a relação da sua viagem, lhe disse que havia sido transportado pela feiticeira a região mais septentrional das Ilhas ao Norte da Noruega: que nesse paiz o anno se dividia em uma noite de seis mezes, e em um dia de outros seis mezes, e que nestes dois mezes ainda elle não veria a viva do dia. O Italiano, que se tinha estabelecido nesta illha, offereceo a Rutilio o abrigo da sua casa: e-te aceitou com agradecimentos: e só d'pois de muitos annos de residencia, de aventuras, e viagens, é que voltou a Europa.

LITTERATURA.

ESTUDOS PHILOSOPHICOS.

Sob esta epigrapha trataremos de varios assumtos, em que não apparecerá uma unidade de exposição; seria talvez mais acertado epigraphal-os de variedades; mas preferimos aquella, por significar melhor o que escrevemos. Como muitas vezes nos não será possível referir a seus auctores os pensamentos, que de suas leituras esparadas ter-nos-hão ficado, citamos os seguintes: Cousin, Stewart, Laromiguière, Tiberghien, Kant, etc.

O PHILOSOPHO.

Philosopho! é esta uma palavra, que todos exprimem, porém quantos a comprehendem?...

Neste ponto o prejuizo tem sido por de mais contagioso. -- E o contagio tem affecto áquelles que por sua illustração devião estar ao obrigo. -- Por ventura Rousseau não nol-o prova, quando escreve que não ha philosopho em cujo coração não medre a fraude, a astucia? (a)

Se quizermos determinar mais ou menos a significação desta palavra, devemos elevarmo-nos a um ponto de vista mais alto, em que possamos descortinar campo mais vasto.

Ha duas, qualidades de philosophos: uns que sabem, e outros que sentem.

Estes ultimos são em numero diminuto; e queá verdadeiramente philosophos. Aos primeiros porém cabe a designação de pseudo-philosophos.

Esta distincção quasi sempre é só percebida pela propria consciencia

O pseudo-philosopho poderá saber fazer uma analyse de suas faculdades, deduzir com profundidade as propriedades que constituem a natureza de seu espirito, expôr com lucidez os argumentos em que se firma para nós a existencia de Deus, expendêr as mais sans theorias de moral, descrever com perfeição os diversos systemas, as differentes escolas, em cujo seio tem-se

(a) Ou est le philosophe qui, pour sa gloire, ne recouvrerait pas volontiers le genre humain?

agitado a philosophia, produzir interessantes theorias sociaes; mas d'ahi não passará; um vasio immenso sentirá em si; em balde a gloria o sustente; em balde a esperança de uma posteridade agradecida o encanto. Porque? porque não sente o que sabe. A propria consciencia bradará: *vanitas....* E elle proprio se dirá: *melius sentire quam scire.*

Quem sente o que sabe, possui realmente a sciencia; e seus actos são a expressão fiel de seus principios.

Quem sente o que sabe, ainda que o conhecimento em si não offereça materia para sentir, offerece-lo-ha por certo nas suas relações.

Completo desengano para aquelles que só enxergão o philosopho no metaphysico, e não no sentimento -- e sem este sentimento, ai de nós! qual seria o nosso destino, em vista do presente?

Em todas as condições sociaes ha seu lugar a philosophia. Segundo o entender de muitos ella está monopolizada, e é só o privilegio de alguns.

Engano! A philosophia condemna o privilegio, quando proclama a igualdade, confraternisa todos os productos da actividade e da intelligencia, e representa o principal papel no destino da humanidade. -- Em these geral pois deve-se dizer: -- Onde está a philosophia está a humanidade, esta é inseparavel daquellea.

Ella!

A

Oh! laissez moi tonte ma vie
T'offrir mon culte ou mon amour!

Lamartine.

O anjo dos meus amores
E' lindo como uma estrella.
Tão lindo e tão formoso
Como... como a virgem bella!

Tem azuês os bellos olhos,
Tem labios de carmim;
Não é mais formosa a face,
A face de um cherubim!

Tem no rosto linda rosa.
Linda rosa toda amores:
Feliz! no peito não tem
Tristuras, magoas, e dóres.

Nos beijos tem um sorriso,
Sorriso todo doçura;
Beijo que delles pendeu
Não foi nunca o d'amargura.

Mas não é aquella rosa,
A rosa dos meus amores;
Para outrem diz esperança,
Para mim só negras dóres!

Brilha aquelle sorriso
N'outros labios que não meus:
Uma esperança accordon
Esse rir dos beijos teus!

P'ra outrem se riram elles
Os teus beijos de carmim,
P'ra outrem, aventureado,
Que não... que não para mim.

A rosa dos teus amores
Colheu-a a'guem que não eu;
Eu só colhi os espinhos,
Só provei desprezo teu!

Anjo! mulher -- és tão linda
Assim na terra a sorrir:
E' teu rosto, rosto d'anjo.
Por entre os céus a florir.

Vem, meo anjo, vem commigo,
Dá-me um só sorriso teu,
Que mate esta viva dôr,
Que minh'alma já beheu,
Dá-me um só beijo, meu anjo
Meu anjo, que és todo meu!

Mas não quis --olveu-me o rosto,
Um suspiro desprendeu,
Um ecco elle accordou,
N'outro peito que não meu!
E eu, quedei-me triste, só,
C'os olhos fiectos no céu!

J. M. C.

Declaração.

Prevenimos aos Srs. assignantes do Cruzeiro do Sul que por alguns dias fica interrompida a publicação deste jornal, por ter-se acabado o nosso papel de impressão, e actualmente não se achar em parte alguma papel que o possa substituir: a nossa interrupção não deverá ser longa, porque esperamos a toda hora a chegada de papel do Rio de Janeiro.

O Editor.

AVISO.

Ricardo Becker, Director interino do Lyceu Provincial faz publico que do primeiro de Julho em diante se acharão abertas neste estabelecimento as aulas de desenho, e de sciencias naturaes.

Lycéo Provincial na Cidade do Desterro em 1 de Junho de 1859.

ANNUNCIO.

Ven'e-se mobilia de salla completa, enfeites de meza, ca-liques com mangas, sofa estufado, guarda vestidos, guarda livros, guarda louça, camas francezas, commoda, marquezas com colxões, louça, cristaes, meza para jogo, dilas com gavetas e-tante para livros, bandejas, bacias, banheira etc. e mais arranjo de uma casa de familia. Para vêr e tratar na casa que foi da residencia do Dr. Rapozo no Matto grosso, a qualquer hora.

Typ. Catharinen-e de G. A. M. Avelim.
Largo do Quartel casa n. 41, — 1859.